

O cidadão “moderado”



Por **JEAN PIERRE CHAUVIN***

Dois signos do moderado: a soberba (em meio à miséria social) e a desfaçatez (em meio às críticas que recebe)

O moderado é, substancialmente, um oportunista. Quando o pleito eleitoral se avizinha, ele torna a disseminar os lugares-comuns mais perversos e óbvios. “Nem direita, nem esquerda: sou do meio-termo”; “o maior problema do país é a corrupção”; “os EUA dão exemplo de democracia a ser seguido pelo Brasil”. Eis alguns dos *slogans* que combinam hipocrisia, em relação aos abusos dos facínoras que elegeram, e intransigência, quando uma legenda partidária não defende apenas os interesses dos banqueiros, industriais, megaempresários, latifundiários *et cetera*.

Alguém objetará que essa figura sempre existiu. Talvez. Contudo, houve uma mudança preocupante nas últimas duas ou três décadas. O pretensão moderado costumava ser um espécime encontrado especialmente em setores das classes médias e altas. Mas, os prédios da FIESP a embalar a campanha contra os vinte centavos, em 2013; as bravatas do presidenciável tucano derrotado em 2014; o golpe parlamentar de 2016; o sequestro jurídico de Luiz Inácio em 2018; e a eleição do inominável e sua gangue naquele ano, sugerem que o discurso, em tese moderado, passou a ser reproduzido também pelas classes mais desfavorecidas.

A essa altura, deveria estar evidente para os cidadãos desta neocolônia que de 30 a 50% de nossos familiares, amigos e colegas integram a ala circense e maléfica dos cidadãos de bem, que, por preconceito de classe, detonam os partidos democráticos; mas fecham os olhos, tapam os ouvidos e emudecem, frente ao desfile diário de mentiras pelo atual mandatário e seus asseclas. Isso sem falar nas mortes de ambientalistas; da ameaça a políticos que ousaram divulgar o super esquema das milícias; dos castigos sofridos por aqueles que denunciaram deputados pedófilos; ou mostraram como amigos e familiares do presidente, estão sabidamente envolvidos em gigantescas tramas de corrupção (rachadinha; franquia para lavagem de dinheiro; aquisição de imóveis milionários etc.).

Dois signos do moderado: a soberba (em meio à miséria social) e a desfaçatez (em meio às críticas que recebe). Incapaz de reconhecer os incentivos e oportunidades que recebeu da família, esse espécime classifica a pessoa em situação de rua como vagabunda e vencida pela vida. Juiz implacável, o seu incômodo não decorre por testemunhar o aumento da pobreza; mas por notar que as sendas do *seu* bairro plano, cheiroso e arborizado estão repletas de obstáculos em forma de gente. “Gente?”. Ora, ora. Isso talvez explique a elegante petição de uma Associação de Bairro para que um *Shopping Center* removesse os seres enrodilhados em cobertores das imediações. A trilha do consumidor não pode ser afetada pela decrepitude.

O moderado não “tapa o sol com a peneira”; ele odeia o que vê e, se pudesse, comandaria o extermínio dos “fracos”. Não se engane: parte considerável desses seres reforça o próprio sentimento de vitória, quando estabelece comparações com os que foram expelidos pelo sistema por falta de “tenacidade” e “persistência”. O moderado soa, no café ao ar livre, como aqueles artistas midiáticos a repetir a máxima “não desista dos seus sonhos”. O moderado age feito ilha. Por isso, elege a mesma legenda há 30 anos, para desgovernar com máxima eficiência o estado de São Paulo. Do gestor que se dizia não-político ao maníaco religioso, nenhuma gestão tucana fez mais do que privatizar, “despoluir” o rio Pinheiros, retirar verbas da saúde, educação, saneamento e moradia popular e, claro, massacrar movimentos legítimos em defesa de direitos adquiridos.

Mas, como sabemos, eles são os candidatos ideais, segundo o cidadão moderado, porque reproduzem, em escala estadual,

o que seus eleitores moderados fazem dentro e fora de casa. De um lado, fingem reconhecer seus funcionários como “gente da família”; de outro, adoram gastar verbos de ordem, seja com familiares, seja com serviçais. O importante é não votar na extrema direita, menos ainda na esquerda. Evidentemente, caso não haja opção, é claro que o moderado escolherá o representante dos seus interesses e privilégios. A sua concepção de mundo repousa no sentimento de superioridade natural e no receio de ser confundido com os tipos inferiores.

O moderado exemplar é aquele que, insatisfeito com o signo da destruição e da mitomania, que nos assola há três anos e meio, coça a cabeça e diz que a escolha presidencial será novamente muito difícil em 2022. Pouco importa que o país esteja sob a tutela dos Estados Unidos, com o beneplácito das forças armadas, pelo menos desde a década de 1940: ele não se incomoda com o pendão golpista. Desde que a sua rotina não se altere demasiadamente; desde que o país se veja livre do comunismo imaginário (ele nunca saberá a diferença entre os sistemas e regimes de governo, pois tem preguiça de ler); desde que as coisas continuem como estão, favorecendo a ilusão de que ele é melhor do que a maioria, esse espécime continuará a dizer que todo governo tem defeitos e recolocará democratas e facínoras no mesmo nível.

Que um sujeito das chamadas elites proceda desse modo, seria quase previsível, num pseudopaís excludente, feito este. Porém, a soberania e a ruína social se avizinham quando o “colaborador” precarizado; o trabalhador sem vínculo empregatício, nem direitos; o dono da vendinha; o vigia que trabalha e faz bicos; todos os que mais sofrem com a assimetria social, a falta de atendimento médico e a perda generalizada de direitos, introjetam o discurso da moderação simulada.

Agirão assim por acreditarem que reproduzir a opinião dos “superiores” poderá distanciá-los do discurso “de pobre”, assegurando alguma dignidade perante os grupos que frequentam? Ouse levar argumentos desse feitio, ao “dialogar” com um desses seres, e você será prontamente classificado como “muito radical”. Parodiando o que observou Antônio Vieira no *Sermão da sexagésima*, faltam ao cidadão moderado espelho, olhos e luz adequada para melhor ver. De todo modo, isso não acontece por falta de pastoreio estelionatário, ladainha, lucro e reza, não é mesmo?

***Jean Pierre Chauvin** é professor na Escola de Comunicação e Artes da USP. Autor, entre outros livros, de *Mil*, uma distopia (**Luva Editora**).